

Ref. da noticia 1358

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Angola	23-05-2006	lbinda.com	www.ibinda.com

Título

Mpalabanda teme tentativa de «ruandización» de Cabinda

Texto

A Mpalabanda - Associação Cívica de Cabinda (MACC) chama a atención da opinión pública nacional e internacional para o que apelida de tentativa de «ruandización» do enclave, onde diz viver-se actualmente uma situación «explosiva».

Em nota à imprensa, a MACC conta que tudo começou com o comunicado divulgado pelo padre checo Millan Zednichek, novo vigário-geral de Cabinda, na véspera da missa prevista para pasado domingo, dia 21 de Maio, na Igreja Imaculada Conceição, em que apelava «insistentemente» aos fiéis católicos à não participación nessa celebración.

No documento, acrescenta a Mpalabanda, «Zednichek não só proíbe a celebración dessa missa como apela às forças policiais a fazerem o uso da força caso as populações insistam em ir a essa missa, ao mesmo tempo que lava claramente as mãos, que nem Pôncio Pilatos, ao dizer que não se responsabiliza pelo que possa acontecer».

Segundo a associação, Cabinda vive desde então uma situación «explosiva», com «as forças do Governo a ameaçarem fazer um banho de sangue no enclave» se os fiéis fossem à missa proibida.

No sábado, denuncia ainda a organização, «a Polícia de Intervenção Rápida retomou as suas operações de cerco às residências dos principais responsáveis da Mpalabanda e da Igreja».

«A cidade esteve uma vez mais sitiada. O banho de sangue prometido teve respaldo num despacho do comandante da polícia, pois ordenou que se abrisse fogo em caso de resistência. Não se tratou portanto de um 'bluff'. É que a situación esta mesmo explosiva», contou ao lbinda.com uma fonte em Cabinda.

«Opressão e repressão é o lema. Polícias e militares estão apostados para tudo fazerem, sobretudo agora que encontraram um aliado local, a Igreja Católica. Não olham a meios», acrescentou. «É o inferno instalado pelo poder político, que não faz outra coisa senão amordaçar os nossos mais elementares direitos enquanto pessoas, pelo menos, já que cidadãos nunca fomos desde que os portugueses partiram», sublinhou a mesma testemunha.

A fonte assegurou ainda que «um paralítico foi selvaticamente espancado» assim como «vários elementos da comunidade sem nada terem feito».

Perante este cenário, a Mpalabanda chama a atención da opinión pública nacional e internacional para o que classifica como «tentativa de ruandização de Cabinda», lembrando que «foi a partir de apelos similares ao lançado pelo padre Millan Zednichek que surgiu o massacre étnico no Ruanda, cujos efeitos e contornos perseguem a Humanidade até hoje».

A MACC denuncia igualmente «a triste promiscuidade entre o poder e a Igreja Católica Apostólica Romana que, tal como no período colonial, se coloca hoje, de forma aberta e participativa, do lado dos que oprimem o povo de Cabinda».

No mesmo documento, recorda também que «a persistência nesses comportamentos, evidentemente colonialistas, aumenta as desconfianças dos católicos cabindas e retira toda a força ao pedido de perdão feito pelo Santo Padre João Paulo II» relativamente aos mesmos.

«Encorajar e até incitar as forças militares do regime a massacrarem populações indefesas não pode vir de homens de Deus», critica, salientando que «o padre Millan Zednichek e quem o manda e comanda a assim agir devem saber que serão responsáveis, sim, por aquilo que eventualmente venha a acontecer» ao povo de Cabinda.

Ao Governo angolano, a Mpalabanda lança um apelo: «A atitude musculada, sistematicamente adoptada contra as populações de Cabinda, é claramente contrária aos discursos amiúde proferidos de vontade política de resolver o problema de Cabinda por vias pacíficas. Os massacres, as torturas, as violações, as prisões arbitrarias e as intimidações não podem ser entendidos como `vontade política´ para resolver o caso Cabinda.

À direcção da Igreja Católica pedem que «revejam os procedimentos e atitudes» e que «façam em Cabinda aquilo que Jesus, o Messias, espera que façam, ou seja, a defesa dos fracos e oprimidos».

A comunidade internacional é também alvo de críticas por parte da Associação Cívica de Cabinda. «O eterno fechar de olhos à opressão e repressão dos cabindas, em nome da dolarização de Cabinda, tornar-vos-á tão criminosos quanto aqueles que disparam contra populações indefesas e violam as suas mulheres, irmãs e filhas», frisa a MACC. «Achamos ter chegado o momento de olharem para Cabinda, não como um grande poço de petróleo, mas como um povo que clama ardente e insistentemente por sobrevivência. Não deixem que nos massacrem a todos», apela.

Detenção de jornalista

«Numa altura em que o Governo de Angola procura mostrar ao mundo estar a adoptar uma postura de respeito pelas liberdades fundamentais», entre as quais a liberdade de expressão, de opinião e de imprensa, afirma o porta-voz da Mpalabanda, Raul Danda, «em Cabinda as autoridades governamentais agem claramente em sentido contrário».

O responsável dá como exemplo o caso do jornalista da rádio Voz da América (VOA) Fernando Lelo, detido pela Polícia no dia 14 de Maio, sob a acusação de «fazer filmagens de cenas ligadas à atitude musculada dessa polícia contra cristãos indefesos durante a missa na Sé Catedral de Cabinda».

Posto em liberdade algumas horas depois, foi chamado na passada sexta-feira, 19 de Maio, à Direcção Provincial de Investigação Criminal (DPIC), pelo investigador Oliveira dos Santos. «Segundo este, o jornalista iria à DPIC para que lhe fosse devolvida a fita, confiscada no momento da detenção», conta Danda.

«A verdade, porém, é que a Fernando Lelo foi pedido que, em conferência de imprensa organizada pelas autoridades locais, ele desse o dito pelo não dito, alegando que não tinha sido detido, naquele domingo, que não tinha sido espancado, nem que os seus meios de trabalho (gravador, câmara-vídeo e respectiva cassete) tinham sido confiscados pela Polícia», denuncia o porta-voz da MACC.

De acordo com este responsável, «Fernando Lelo recusou-se a aceder a esse estranho pedido, tendo-lhe sido dito que voltasse à DPIC, logo que para isso fosse chamado, no meio de ameaças caso não acedesse ao pedido de `desmentir´ o que lhe aconteceu».

A Mpalabanda chama ainda a atenção para «a tortura psicológica que está a ser exercida sobre o jornalista, nessa tentativa de obrigá-lo a mentir para branquear a imagem de um regime que não respeitou os seus direitos enquanto cidadão e profissional».

Ref. da noticia 1375

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Angola	25-05-2006	AngolaPress	www.angolapress-angop.ao

Título**Angola conta com mais quatro feiras internacionais****Texto**

A Expo-Angola, gestora do espaço da Feira Internacional de Luanda (Filda), vai incluir no seu plano de actividades anuais mais cinco feiras, dentre as quais, quatro internacionais, disse hoje, em Luanda, o director da empresa, Paulo António da Costa.

Em declarações à Angop, o responsável disse que, excepto a Feira da Criança, a realizar-se de 1 a 4 de Junho deste ano, as de Medicina (25 a 27 Agosto), Cultura e Turismo (25 a 28 de Setembro), Mobiliário e Decorações (09 a 12 de Novembro) e a Feira Internacional dos Petróleos (FIPA), a decorrer também em Novembro, serão todas internacionais.

Segundo o gestor, a iniciativa visa criar uma certa regularidade na realização de feiras, bem como dar maior dinâmica ao recinto da FILDA.

"É necessário movimentar o espaço da Filda, dada a insuficiência de espaços no país", frisou.

Paulo da Costa salientou que cada uma delas vai expor bens ligados aos respectivos sectores. A título de exemplo, notou que a feira da crianças vai mostrar, entre outros, produtos infantis, serviços de creches e parques de recreio.

Com a introdução de mais cinco feiras, o espaço da Filda acolherá anualmente pouco mais de 13 eventos, dentre os quais a Feira de Produção Nacional (Fenapro), Constroi Angola (construção, transportes, comunicações e Informática) e a Feira Internacional de Luanda (Filda) - o principal evento que abrange todos os sectores económicos.

Constam ainda da lista de eventos anuais, a Feira Internacional de Minas (FIMA), Feira Internacional de Alimentação e Bebidas (Feira Alimentícia), Angola Motor Show (exposição de automóveis) e a Feira do EME (do partido MPLA).

Ref. da noticia 1377

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Angola	25-05-2006	lbinda.com	www.ibinda.com

Título**Produção da Chevron em Cabinda aumentará 40% até 2008****Texto**

A produção petrolífera em Cabinda deverá sofrer um incremento gradual de 40% até 2008, com a entrada em funcionamento, este ano, dos projectos BBLT (Benguela, Belize, Lobito e Tomboco), avaliados em 2,2 mil milhões de dólares.

Segundo noticiou a agência de notícias angolana Angop, a informação foi avançada, quarta-feira, pelo director de produção da Chevron para a África Austral, Reggie Judice.

Actualmente, a produção de petróleo no enclave cifra-se em 550 mil e 500 barris de petróleo bruto/dia.

A companhia petrolífera e os seus associados dos blocos zero, dois e 14 estão a investir 1,9 mil milhões de dólares no projecto de condensados do Sanha, visando «reduzir a queima de gás», acrescentou a mesma agência.

Os projectos BBLT e os Sanha condensado e LPG (Gás, Petróleo e Liquefeito) correspondem aos blocos zero, dois e 14, em offshore, sendo os dois últimos em águas profundas, com uma media de produção acima de 40 mil barris petróleo e cerca 43 mil de gás butano.

Ref. da noticia 1361

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Brasil	23-05-2006	Folha de São Paulo	www.folha.uol.com.br

Título**Para Rice, Brasil e Chile são esquerdas "diferentes" da Venezuela****Texto**

Os Estados Unidos mantêm "excelentes relações" com governos de "esquerda" na América Latina, como Brasil e Chile, que não podem ser colocados na mesma "categoria" da Venezuela, afirmou hoje a secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice.

O panorama político na América Latina é "misto", com "governos de esquerda com os quais nos sentimos muito confortáveis", comentou Rice em declarações à imprensa local.

Com "o governo do Brasil temos excelentes relações, com o governo do Chile temos excelentes relações, e estes são governos de esquerda", salientou.

Rice indicou que "são governos que foram democraticamente eleitos e que governam de maneira democrática, que tem políticas económicas abertas", recordando que os Estados Unidos têm um acordo de livre comércio com o Chile.

"Não gostaria de colocar os governos de Brasil e Chile na mesma categoria que um governo como o da Venezuela", ressaltou.

Rice também criticou o que chamou de "interferência" do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, "nos assuntos de seus vizinhos, como o Peru" e no processo de nacionalização dos hidrocarbonetos na Bolívia.

A secretária de Estado salientou uma "preocupação" de Washington "por esta tendência, não de governos de esquerda mas de governos que governam de maneira irresponsável".

Ref. da noticia 1380

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Brasil	25-05-2006	Agência Brasil	http://www.radiobras.gov.br/

Título**Europa e Estados Unidos devem ceder mais para OMC ter um acordo sobre subsídios agrícolas, diz Lula****Texto**

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse hoje (25) que o acordo sobre a redução de subsídios agrícolas no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC) só será possível se os países europeus e os Estados Unidos cederem mais em relação a isso.

"Todo mundo acha que já fez o que podia fazer. Todo mundo acha que já concedeu o que poderia conceder, mas o dado concreto é que até agora não teve acordo, porque nem as próprias partes acreditam que já fizeram o que tinha de fazer", disse, após o encontro com o presidente da França, Jacques Chirac, no Palácio da Alvorada.

"Os americanos têm de fazer as concessões porque os subsídios nos Estados Unidos são muito altos e criam um desbalanço no comércio agrícola do mundo. A Europa pode fazer mais concessões de acesso ao mercado", ponderou Lula.

Jacques Chirac, por sua vez, afirmou que a Europa já cedeu o suficiente, reduzindo em 45% os subsídios, e que é hora dos Estados Unidos fazerem concessões. Segundo ele, os norte-americanos não modificaram nenhum ponto de sua política agrícola, e detêm "a chave do problema". "É errado dizer que a Europa é um mercado fechado, é largamente aberto", destacou Chirac.

O presidente brasileiro lembrou que tanto o Brasil como o G 20 também estão dispostos a realizar concessões possíveis, já que as nações ricas reclamam que os países emergentes precisam abrir seus mercados industriais. Criado em agosto de 2003, o G 20 reúne 21 países em desenvolvimento para tratar de questões relativas à agricultura.

Ref. da noticia 1378

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Brasil	26-05-2006	Folha de São Paulo	www.folha.uol.com.br

Título**No Alvorada, Lula fecha alianza PT-PSB-PC do B****Texto**

Em jantar na quarta-feira à noite no Palácio da Alvorada, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva selou politicamente uma aliança entre PT, PSB e PC do B para apoiar à sua reeleição. Lula pediu que sejam aceleradas as negociações para alianças nos Estados, montagem da coordenação de campanha e elaboração de programa de governo.

Lula disse que deverá assumir a candidatura à reeleição por volta de 15 de junho. Afirmou que deseja começar a montar sua coligação a partir das forças que sempre o apoiaram historicamente. PT, PSB e PC do B estiveram juntos em três das quatro eleições presidenciais disputadas por Lula. Em 2002, o PSB preferiu apresentar candidato próprio (o ex-governador Anthony Garotinho, hoje na ala oposicionista do PMDB).

Foi a primeira reunião formal de Lula com os três partidos que, segundo palavras do presidente, serão "o núcleo político" da aliança. Estiveram no encontro os presidentes do PT, Ricardo Berzoini, do PSB, Eduardo Campos, e do PC do B, Renato Rabelo. O ministro das Relações Institucionais e articulador político do governo, Tarso Genro, e o presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PC do B-SP), também participaram do jantar de três horas que começou por volta das 22h. No cardápio, carne de carneiro e bebidas variadas.

O presidente pediu ainda a formação de um conselho político formado pelos presidentes de partidos aliados para que se reúnam freqüentemente com ele. A coordenação-geral da campanha, estrutura à parte do conselho, ficará com Berzoini.

PMDB, vice e alianças

Lula admitiu que será difícil contar com o apoio formal do PMDB. Mas afirmou que dará todos os sinais políticos, pressionando petistas a desistir de projetos nos Estados em favor de peemedebistas, para mostrar que deseja, após as eleições, formar coalizão com o PMDB para "garantir a governabilidade" num segundo mandato.

Sem o PMDB, Lula perderá o vice dos seus sonhos, o ex-presidente do STF (Supremo Tribunal Federal) Nelson Jobim. Nesse contexto, o mais cotado é o ex-ministro da Integração Nacional Ciro Gomes (PSB).

Lula pediu que os presidentes de partido e aliados tratem com cuidado a questão do candidato a vice. Não deseja repetir a dobradinha José Alencar (PRB), mas não gostaria de magoar o vice-presidente. "Gosto muito do velho", afirmou Lula, segundo um dos presentes, emendando que desejaria que Alencar tivesse sucesso numa eventual disputa pelo Senado por Minas.

Na reunião, avaliou-se que a maioria do PL apoiará Lula nos Estados sem aliança formal. Setores do PTB e do PP também seguiriam o mesmo caminho.

"Façam um primeiro serviço para eu entrar depois e resolver os problemas que vocês não conseguirem resolver", foram as palavras de Lula, segundo um dos participantes, ao recomendar a Berzoini, Campos e Rabelo acelerar a discussão de alianças nos Estados.

Lula citou dois casos em que intervirá para tentar favorecer o PMDB. No Paraná, deseja que o senador Flávio Arns (PT-PR) abandone sua candidatura e apóie Roberto Requião. Em Santa Catarina, quer que o ex-ministro da Pesca José Fritsch desista e apóie o peemedebista Luiz Henrique, que disputará a reeleição como Requião.

Berzoini e Eduardo Campos tiveram reunião ontem para tratar de alianças. Há mais dificuldades regionais

entre PT e PSB. Na próxima quarta-feira, haverá nova reunião dos presidentes de partidos. O PT homologará a candidatura Lula em convenção no dia 24 de junho. O PC do B realizará seu encontro uma semana antes. E o PSB definirá a data da convenção em reunião da Executiva em 7 de junho.

Ref. da noticia **1383**

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Guiné Bissau	24-05-2006	Notícias Lusófonas	www.noticiaslusofonas.com

Título

Missão política da ONU avalia situação política

Texto

Dois altos funcionários do Departamento Político das Nações Unidas iniciaram esta semana uma missão de contactos com as autoridades e os principais actores políticos da Guiné-Bissau, disse hoje fonte oficial.

Segundo a fonte, a finalidade da missão é proceder a uma avaliação da situação no país, bem como ao desempenho do Gabinete das Nações Unidas para a Consolidação da Paz na Guiné-Bissau (UNOGBIS), instalado desde 1999 na capital guineense.

O chefe da missão, o camaronês Sammy Buo, director do Departamento Político da ONU, encontrou-se hoje de manhã com o presidente da Assembleia Nacional Popular (ANP, Parlamento) da Guiné- Bissau, Francisco Benante.

Na troca de impressões com o presidente da ANP, a delegação das Nações Unidas interessou-se particularmente pelas questões da estabilidade institucional, acrescentou a fonte.

Durante a sua permanência no país, até sexta-feira, esta missão de rotina das Nações Unidas, que decorre regularmente duas a três vezes por ano, vai avistar-se com outros órgãos de soberania e com os representantes das forças políticas.

Ref. da noticia **1384**

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Macau	25-05-2006	Lusa Macau	www.lusa.pt

Título**Universidades de Língua Portuguesa vão reunir-se em Macau****Texto**

O ministro português da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior Mariano Gago vai participar em Macau no encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa que se realiza entre 12 e 16 de Junho .

Mariano Gago junta-se assim aos seus homólogos Fernando Haddad, Filomena Vieira Martins, Tchernó Djaló, Aires Bonifácio Ali e Jorge Lopes que tutelam as pastas do ensino superior, respectivamente, no Brasil, em Cabo-Verde, na Guiné -Bissau, Moçambique e em São Tomé e Príncipe.

Timor-Leste estará representado por Edson Luiz de Oliveira, assessor cultural do Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto, enquanto que Angola terá Adão Nascimento, vice-ministro a chefiar a delegação do país.

O XVI Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa tem como principal objectivo "debater e propor a organização do espaço superior e a investigação dos países de língua portuguesa através de medidas implementáveis no terreno".

Ao longo dos cinco dias do Encontro, que decorrerá nas instalações da Universidade de Macau, serão discutidos quatro temas como a "Organização do Espaço do Ensino Superior e Investigação nos Países de Língua Portuguesa" e a "Língua Portuguesa, Multiculturalismo e Cooperação Económica".

O "Fórum para a Cooperação Económica entre a China, Macau e os Países de Língua Portuguesa" e o "Espaço da Língua Portuguesa no Mundo - Ensino Superior, Investigação, Mobilidade de Docentes e Alunos, Multiculturalismo e Afirmção Económica", são também temas a debater pelos cerca de 130 participantes inscritos .

Entre os participantes portugueses destaque para os oradores João Malacá Casteleiro e Eduardo Prado Coelho, que representam a Universidade de Lisboa.

Durante o Encontro vão reunir-se o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, onde está incluída a Universidade de Macau, e o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos.

O programa prevê ainda que os participantes sejam recebidos pelo chefe do Governo de Macau, Edmund Ho, e pelo cônsul de Portugal em Macau, Pedro Moitinho de Almeida.

Ref. da noticia 1341

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Portugal	22-05-2006	Diário de Notícias	dn.sapo.pt

Título**Nuclear em Portugal deve ser objecto de referendo****Texto**

O debate sobre a energia nuclear está de volta. Abandonada pelas agendas políticas nacionais durante mais de duas décadas, a questão do recurso, ou não, à mais polémica das formas conhecidas de produção de energia gera cautelas. A pensar nisso, Luís Mira Amaral, que apesar das reservas que coloca é genericamente a favor da implantação de uma central nuclear no País, pede um referendo nacional sobre a matéria. Sampaio Nunes, promotor do projecto encabeçado por Patrick Monteiro de Barros, concorda com o antigo ministro. A proposta foi feita durante o debate que hoje vai para o ar na TSF, em parceria com o DN.

As razões do regresso do nuclear à actualidade noticiosa não geram contestação. Com o preço do petróleo a bater máximos históricos e com o consumo das economias emergentes em alta exponencial, é tempo de (re)pensar alternativas aos combustíveis fósseis. Tanto mais - e esta é uma terceira razão para o debate - que muitos dos países industrializados se comprometeram a baixar para níveis considerados de segurança as suas emissões de gases que provocam efeito de estufa. As exigências do chamado Protocolo de Quioto, a que Portugal aderiu, vão no sentido do abandono parcial de um modelo de desenvolvimento económico baseado na injeção de energia produzida a partir do carvão, do petróleo e do gás. As centrais eléctricas estão entre os principais agentes emissores, ao lado de toda uma indústria que cresceu habituada a crude barato. Das 36,4 milhões de toneladas de CO₂ emitidas em Portugal, em 2005, 21,9 resultam da actividade produtora de electricidade. Para piorar o cenário, acresce a tudo isto que a extracção petrolífera está actualmente em queda, devido a conflitos armados em alguns dos países produtores. Finalmente, mesmo em zonas do planeta onde não há guerra aberta, o sentimento político antiocidental tem dado os seus passos, criando nas economias mais dependentes em termos energéticos o receio de quebras de abastecimento.

O recurso à energia nuclear nunca foi uma questão pacífica. Nem era necessária a associação do imaginário colectivo às formas militares de utilização da descoberta de Einstein ou a retenção na memória do grave acidente ocorrido há vinte anos em Chernobyl - e de outros de dimensão mais pequena. O impacto psicológico é de tal modo forte que de nada serve aos defensores do nuclear dizer que morre muito mais gente nas estradas do que alguma vez se imaginou pudesse ocorrer num acidente nuclear civil, mas que nem por isso as pessoas deixam de andar de automóvel. Basta pensar que, cinquenta anos depois do início da exploração industrial do nuclear, ainda não existe forma absolutamente segura de tratar os resíduos radioactivos que a sua geração produz. A persistência no tempo da sua nocividade é ainda tema de debate entre os pró e os contra à sua introdução. E o receio de ataques terroristas a instalações nucleares está também na ordem do dia. Mesmo sabendo que estas não têm sido um alvo preferencial dos terroristas.

As vantagens comparativas da energia nuclear - mais barata e menos nociva para o ambiente, pelo menos no curto prazo - foram suficientes para convencer 31 Estados (ver infografia) a proceder à construção pública ou a autorizar privados a explorarem 443 reactores pelo mundo fora. Em construção estão actualmente 27, a que se somam mais 139 em fase de projecto. Portugal é um dos seis países da antiga União Europeia a 15 que não possuem centrais nucleares. C

Ref. da noticia**1331**

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Timor Leste	19-05-2006	Lusa Timor Leste	www.lusa.pt

Título**Mari Alkatiri, eleito pela segunda vez secretário-geral da FRETILIN****Texto**

Mari Alkatiri, hoje reeleito secretário-geral da FRETILIN em Díli, viu a sua imagem de político forte e pragmático afectada por acusações de não ter sabido gerir a crise desencadeada por militares contestatários.

No início do congresso do partido, na quarta-feira, a candidatura de Alkatiri foi confrontada com a do actual embaixador de Timor-Leste em Washington e na ONU, José Luís Guterres, que se retirou da corrida à liderança por discordar da votação de braço no ar, em vez de voto secreto, como até aqui.

Eleito secretário-geral da Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente (FRETILIN) no I Congresso do movimento enquanto partido, em 2001, Mari Alkatiri, 56 anos, acedeu ao cargo de primeiro-ministro em 2002 depois de ter conseguido uma votação de quase 60 por cento nas primeiras eleições legislativas realizadas após a ocupação indonésia (1975-1999).

Nas últimas semanas, contudo, a crise político- militar desencadeada por um movimento de quase 600 ex-militares que abandonaram os quartéis em protesto por alegadas medidas discriminatórias da hierarquia colocou Mari Alkatiri no centro das críticas, com personalidades da FRETILIN e até do Governo (José Ramos Horta) a atribuírem o agravamento da crise a uma incapacidade do executivo para lidar com os problemas nas forças armadas.

Numa entrevista dada na semana passada à Agência Lusa em Díli, Alkatiri afirmou que "a governação é uma aprendizagem permanente", mas rejeitou ter errado na forma como lidou com o problema: "Não é questão de ter errado ou não ter errado. A questão é querer confiar nas pessoas e, às vezes, termos confiança demais", disse.

Mari Bim Amude Alkatiri nasceu em Díli em 1949, no seio de uma família de ascendência iemenita que se fixou em Timor-Leste. Alkatiri é muçulmano e um dos seus irmãos é o líder da comunidade islâmica de Díli, minoritária no país.

Estudou no Liceu de Díli e licenciou-se em Geografia, em Angola, e depois em Direito, em Moçambique, onde se exilou após a invasão indonésia de Timor.

Antes, em 1970, iniciou a sua actividade política com a criação do chamado Movimento para a Libertação de Timor-Leste e, em Maio de 1974, foi um dos fundadores da Associação Social Democrata Timorense (ASDT), que em Setembro do mesmo ano deu lugar à FRETILIN, movimento que começou pela resistência à colonização por Portugal e depois combateu a ocupação do território pela Indonésia.

Na FRETILIN, foi chefe da delegação externa junto da ONU e, em 1977, foi nomeado ministro das relações externas do governo no exílio.

Mari Alkatiri iniciou funções governativas como ministro da Economia na administração de transição para a independência, em Setembro de 2001 e, nessa qualidade, chefiou as negociações sobre os recursos petrolíferos do mar entre Timor e a Austrália, processo que lhe granjeou a reputação de negociador forte e intransigente na defesa dos interesses do país.

O próprio Presidente Xanana Gusmão ajudou a fixar este retrato, ao afirmar que Alkatiri é um "homem de carácter" na defesa dos interesses de Timor-Leste com a Austrália.

O elogio foi feito aquando do lançamento, em Novembro de 2005, de um livro de discursos proferidos pelo primeiro-ministro, desde que assumiu funções governativas, em Setembro de 2001 até Setembro de 2005.

Ref. da noticia 1352

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Timor Leste	23-05-2006	Lusa Timor Leste	www.lusa.pt

Título**Um morto e seis feridos nos tiroteios perto de Díli - Governo****Texto**

Um militar das FALINTIL-Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL) morreu e seis outros ficaram feridos hoje em confrontos armados com homens liderados pelo major Reinado nos arredores de Díli, anunciou o governo timorense.

O governo timorense anunciou em comunicado que as vítimas resultaram de escaramuças a tiro quando "um grupo de militares das F- FDTL desarmados foi emboscado e atacado por amotinados que se congregaram em torno do major Reinado".

De acordo com um comunicado do executivo timorense, "os ataques desencadeados pelos amotinados provocaram um morto e seis feridos entre os militares das F-FDTL (cinco militares e um polícia, estando um em estado grave). Do lado dos amotinados regista-se um ferido grave".

O director-geral do Hospital Nacional Guido Valadares, António Caleres, tinha dito anteriormente à agência Lusa que o militar morto "foi atingido com uma bala que terá entrado pela axila direita e saído pela axila esquerda".

Naquele hospital, disse o director, encontram-se neste momento mais cinco feridos, todos membros das Falintil-Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL).

Segundo António Caleres, o ferido em condição mais perigosa foi atingido por estilhaços entre o maxilar superior e o nariz, podendo ainda atingir o cérebro.

Dos restantes feridos, um foi atingido na coxa, outro no braço, enquanto os dois restantes sofreram ferimentos nas pernas resultantes de apedrejamentos.

Ref. da noticia 1373

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Timor Leste	25-05-2006	Lusa Timor Leste	www.lusa.pt

Título**PR assume controlo da segurança, PM rejeita decisión****Texto**

O presidente de Timor-Leste assumiu pessoalmente o controlo das forzas de seguranga, retirando ao goberno essa competencia, na se quencia de confrontos generalizados ao longo do dia em Díli, que provocaram pelo s menos seis mortos.

A decisión de Xanana Gusmão foi tomada após a chegada do primeiro grupo de militares australianos, que comeou hoje de manha a desembarcar em Díli.

O primeiro-ministro, Mário Alkatiri, em declaracións à Antena 1, rejeitou contudo a decisión de Xanana Gusmão, argumentando que a Constitución lle permitia manter "todas as competencias na área de seguranga".

Referindo-se ao conflito armado, na mesma entrevista, Mário Alkatiri defendeu que "na base de tudo isto está a má formación das forzas de seguranga, con forme já tinha alertado" em 2002.

Os primeiros militares australianos desembarcaram en helicópteros Black Hawk (60 homes), depois un segundo contingente chegou num avião C-130 (100 homes), às 16:45 locais (08:15 em Lisboa) e, finalmente, as restantes tropas chegaron de barco.

O primeiro navio de três navios de guerra australianos fundeou a cerca de 500 metros do porto de Díli pelas 17:00 locais (09:00 em Lisboa).

Um segundo barco fundeou na parte oriental da baía de Díli, cerca de 600 metros ao largo da costa timorense.

O goberno australiano afirmou que, ao todo, deve fazer desembarcar ainda hoje em Díli cerca de 1.300 militares, respondendo assim ao apelo das autoridades timorenses para que uma forza internacional de intervención pudesse intervir em Timor-leste, na sequencia de confrontos armados de 28 e 29 de Abril e que volveriam a repetir-se a partir de terça-feira e ao longo de todo o dia de hoje.

Violentos confrontos tiveram lugar às primeiras horas da manha entre militares das forzas armadas e elementos da policía, cercados no quartel-general e em Caicoli, no centro da capital timorense.

Pelo menos seis mortos e dois feridos graves foram confirmados pelos reporteres da Agência Lusa.

Há contudo informaçoes não oficiais, difundidas por rádios locais, segundo as quais o número de mortos pode ascender a 20.

Dezenas de feridos foram recebidos durante a manha no hospital Guido Valadares, em Díli.

O ministro dos Negócios Estrangeiros timorense, Ramos Horta, confirmou à agência Lusa que os primeiros confrontos da manha envolveram militares das Forças de Defesa de Timor-Leste e elementos da Polícia Nacional de Timor-Leste.

Ramos Horta referiu-se a uma "acção concertada por parte de elementos da policía", não sendo ainda claro quais os motivos que terão ditado os confrontos.

O ministro do Interior, Rogério Lobato, e o ministro da Defesa, Roque Rodrigues, mantiveram-se incontactáveis durante todo o dia em Díli.

Os focos de conflito generalizaram-se por vários bairros de Díli, ao som de tiros e explosões de granadas.

O major Alfredo Reinado, comandante dos militares envolvidos em confrontos com as forças armadas timorenses na quarta-feira, demarcou-se dos conflitos de hoje em Díli, afirmando estar disponível para uma total cooperação com a força internacional pedida pelo Estado timorense para repor a ordem pública no país.

"Vou cooperar totalmente com as forças internacionais que hoje chegam, baseando essa cooperação nas condições e normas internacionais", disse Alfredo Reinado em entrevista telefónica à Agência Lusa.

As forças australianas estão a controlar a segurança do aeroporto de Díli e iniciaram já a retirada de cidadãos do seu país, incluindo mulheres e crianças.

O embaixador português considerou a situação "muito grave", mas afirma que todos os portugueses estão bem.

Ref. da noticia 1392

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Timor Leste	25-05-2006	Notícias Lusófonas	www.noticiaslusofonas.com

Título**Xanana Gusmão assume a defesa mas exclui confronto com o Governo****Texto**

O presidente Xanana Gusmão confirmou ter chamado a si todas as competências na área da segurança e pediu coordenação com o governo, depois de o primeiro-ministro Mari Alkatiri ter sugerido que a decisão seria inconstitucional.

"O órgão de soberania que tem como definição a responsabilidade de ter a unidade nacional, a integridade dos órgãos democráticos do país e o seu funcionamento é o Presidente da República que também é por definição o comandante supremo das forças de defesa", afirmou um porta-voz de Xanana Gusmão em declarações à Antena Um.

"O presidente tem por obrigação constitucional tomar esta posição porque a situação do país está cada vez mais deteriorada", afirmou Ágio Pereira, recusando a ideia de conflito entre Xanana Gusmão e o governo.

Em resposta a uma pergunta da rádio, o mesmo porta-voz admitiu que Xanana Gusmão tem em aberto todas as opções, incluindo a declaração do estado de sítio em Timor-Leste.

Mari Alkatiri garantiu que mantém as suas competências na área da segurança interna, depois da presidência timorense ter anunciado que Xanana Gusmão decidiu assumir "todo o controlo da segurança do país".

"Mantenho as minhas competências na área da segurança interna porque a constituição mas confere e só com respeito a bases constitucionais próprias é que se pode retirar", afirmou Alkatiri.

Para o chefe do governo timorense, a constituição define que para o presidente assumir as responsabilidades de defesa e segurança tem de haver um pedido do Parlamento, tem de ser accionado o estado de sítio e consultado o governo.

Mas, fonte do gabinete de Mari Alkatiri disse à Agência Lusa posteriormente, que o gabinete do Presidente da República telefonou ao primeiro-ministro para lhe transmitir que "o entendimento (da presidência) é que tem de haver coordenação" com o governo.

Segundo a mesma fonte, Alkatiri "disse que naturalmente vai continuar a haver coordenação", à semelhança do ocorrido quarta-feira com o pedido de ajuda militar internacional.

Por sua vez, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ramos Horta, considerou que a decisão de Xanana Gusmão "não é incorrecta no plano constitucional, porque o presidente é o comandante supremo das forças armadas".

Ramos Horta afirmou, no entanto, que não vê esta medida presidencial como uma retirada de poderes ao primeiro-ministro.

Timor-Leste vive um clima de insegurança generalizada que levou as autoridades a pedir na quarta-feira ajuda internacional para repor a ordem.

Violentos confrontos opuseram hoje elementos das forças armadas e da polícia em Dili. Há pelo menos dez mortos e dezenas de feridos.

Ref. da noticia 1390

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Timor Leste	26-05-2006	Lusa Timor Leste	www.lusa.pt

Título**Situação mais calma, mas ainda "instável e perigosa", australianos****Texto**

O chefe das Forças australianas de Defesa, marechal Angus Houston, afirmou hoje em Camberra que a situação actual em Timor-Leste é "muito mais calma", embora continue "instável e perigosa".

"Não recebemos informações de confrontos significativos durante a noite, mas Timor-Leste continua instável e perigosa", sublinhou Angus Houston, que anunciou que o contingente australiano enviado para o país é comandado pelo brigadeiro Michael Slater.

"Ele chegou a Díli hoje de manhã e tenho confiança total nas suas capacidades como líder", acrescentou.

O brigadeiro Michael Slater é o comandante do 3º batalhão do exército australiano, de que uma companhia, incluindo veículos blindados de transporte de pessoal, já chegou à capital timorense.

A fragata HMAS Adelaide, equipada com mísseis guiados, mantém-se no porto de Díli, enquanto o HMAS Kanimbla está ao largo da costa sul do país, deslocando-se em direcção à capital com material médico, de comunicações e tendas de campanha.

De acordo com o marechal Angus Houston, o HMAS Manoora largou de Townsvill e com militares e equipamento, devendo chegar sábado a Díli.

O HMAS Success, um petroleiro auxiliar, encontra-se estacionado no Mar de Timor para abastecimento das unidades navais enviadas para Timor-Leste.

Para além destes navios, a Austrália enviou o HMAS Balikpapan e o HMAS Tarakan, navios de desembarque de material pesado.

No domingo é aguardada a chegada a Díli do HMS Tobruk, que transporta material de logística.

O ministro da Defesa, Brendan Nelson, revelou entretanto que a Austrália tem mais forças de prevenção, prontas a serem enviadas para Timor-Leste se for necessário mais poder de fogo.

"No entanto não estamos a contar que venhamos a precisar disso", disse.

Ref. da noticia **1389**

<i>País</i>	<i>Data</i>	<i>Fonte</i>	<i>Ligazón</i>
Timor Leste	26-05-2006	Lusa Timor Leste	www.lusa.pt

Título**Ramos-Horta espera conversacións de paz este fim-de-semana****Texto**

O ministro dos Negocios Estrangeiros de Timor -Leste, Ramos-Horta, afirmou hoje esperar que as facções em confronto no país cheguem a acordo para a realización de conversacións de paz, lideradas pelo presidente Xanana Gusmão, este fim-de-semana.

Numa entrevista a uma cadeira de rádio neo-zelandesa, Ramos-Horta referiu que as forzas australianas, que comezaron a desembarcar quinta-feira en Díli, van tomar posición nos principais locais da cidade, confinando os militares rebeldes, enquanto os soldados das forzas governamentais están a recoller aos cuarteis de Baucau e Metinaro.

"As forzas armadas timorenses concordaron en retirar completamente da cidade, para a zona leste da capital, onde está o seu cuartel", referiu.

"Quaisquer outros elementos armados serán conducidos para acantonamentos controlados pola forza australiana", indicou.

"Até domingo espero ser possível efectuar una mesa redonda (com as facções em confronto), dirigida pelo presidente Xanana Gusmão", disse o ministro timorense, sem mais pormenores.

Ramos-Horta afirmou ainda ter pedido ao comandante das forzas australianas que seja dada prioridade à protección aos hospitais e aos abrigos onde a população civil se refugiou.

A situación de insegurança que se vive en Timor-Leste desde Abril, e que hoje teve novos desenvolvementos com tiroteos dispersos por varios locais da capital, agravou-se nos últimos três días, com confrontos en Díli e arredores entre militares e quinta-feira entre elementos das forzas armadas e efectivos da policía nacional, envolvendo populares, de que resultaron já varios mortos e feridos.

Un servizo ofrecido polo
Observatorio Galego da Lusofonía (Ogalus)



<http://www.igadi.org/ogalus>

Coordenado por Ângelo Gonçalves Vicente
agoncalves@igadi.org
Telf.: (34) 986 35 72 38
Fax: (34) 986 35 72 38

*O Ogalus é unha iniciativa do Instituto Galego de
Análise e Documentación Internacional (Igadi)*

<http://www.igadi.org>